



*Não podemos desistir:
que pegada de humanidade queremos deixar neste mundo?*

Teresa Toldy,
Professora universitária

Ao início, acordava todos os dias a pensar: “devo ter tido um sonho disparatado. Não é verdade que estamos a enfrentar uma pandemia”. Mas não: era verdade. A distopia tornara-se realidade. No primeiro confinamento, começámos logo a dar aulas por zoom. Os alunos, que já conhecíamos, ligavam todos as câmaras. No início, dava a sensação que era quase uma “festa” poder ver os colegas, nem que fosse só por zoom. Dava as aulas e sentia o cheiro do pão a fazer-se na máquina que comprámos para ficarmos menos dependentes de ter de ir a padarias ou supermercados. Depois, vieram as férias da Páscoa e, quando as câmaras voltaram a ligar-se, já não era tão fácil. Já havia alguns rostos tristes e algumas câmaras desligadas. Fazia das tripas coração, recomendava-lhes que ouvissem música, que dançassem. E assim se foi passando o semestre. Um dia, houve um aluno que me perguntou em tom de brincadeira: “ó professora, não acha que este século começou de uma maneira muito radical?” Rimo-nos, mas era difícil dizer-lhe que não. No fim, quando me despedi deles (por zoom), ficou um vazio (aliás, coisa que sinto regularmente quando os semestres acabam, mas que, desta vez, era mais dura). Perguntei-lhes, em tom de brincadeira: “e agora? O que vou eu fazer às terças-feiras?” E houve um aluno que me disse, num tom solene, umas palavras que nunca esquecerei: “agora, professora, é a sua vez de dançar!” Lá disfarcei a emoção e guardei a memória desse momento simples, mas luminoso. É que era tudo difícil: parte da família em Lisboa e outra parte

a 4000 km de distância, sem possibilidade de zoom. Só com duas ou três chamadas pelo WhatsApp. Tudo o que eram festas de família foram à distância: zoom no Natal (foi o que custou mais: o Natal, para nós, é mesmo a festa da família!), zoom no Ano Novo, zoom nos aniversários, na Páscoa, e uma saudade que nenhum zoom mata. Mas também um pequeno baú de “memórias humanas”, das pequenas iniciativas que apareciam: as formas de solidariedade com os enfermeiros, com os médicos, com o pessoal de saúde, em geral, que apareciam nas notícias e as conversas com colegas da área da saúde, a ajuda entre colegas, que tiravam horas depois das aulas, por vezes, já em cima da hora do jantar (ou para lá dela), com uma paciência infinita a ajudar a ultrapassar dificuldades técnicas – uma generosidade que se revelou muito maior do que se pensava, uma generosidade que, por vezes, era quase só um dizer: “estou aqui. Vamos lá resolver o problema. Não stresses!” Mas havia também o medo: o medo de ficar doente, o medo que “os meus” ficassem doentes, o medo que o mundo sucumbisse a uma coisa que não se via e que parecia uma roleta russa: apanhava uns, às vezes, por descuidos de 15 minutos, e não apanhava outros que viviam todos na mesma casa. Mais tarde (confesso que a linha temporal me é difícil de reconstituir completamente!), dar aulas de máscara. Tentar não entrar em pânico, ao início, e, depois, a progressiva habituação. Concentrar-me nos olhos dos alunos e das alunas e tentar decifrar sorrisos por trás de uma máscara, e a grande alegria de haver alunos do ano anterior que me reconheciam, mesmo com máscara! E o esforço constante para seguir em frente. A chegada da vacina foi um alívio. Quando chegou a nossa vez, senti um orgulho imenso em ser portuguesa (eu, que não sou nada dada a patriotismos festivaleiros!): tudo organizado ao milímetro, música de fundo, ajuda de enfermeiros no preenchimento do questionário. Havia poemas escritos por utentes colados nas divisórias entre cada cabine e um ambiente em que as pessoas percebiam a importância do que estavam a fazer. Chegou a comover-me. Escrevi num

livro que estava colocado em cima de uma mesa e que dizia “livro de elogios”: “hoje, tenho orgulho de ser portuguesa”.

Este texto é incompleto e, eventualmente, pode até parecer superficial: ainda estamos muito em cima do acontecimento. Ainda não acabou. Ainda não vimos a família toda ao mesmo tempo. Ainda é preciso cuidado. Mas é preciso falar. Vai ser preciso falar muito: ter espaço para o lamento pelos milhões de vidas humanas que se extinguíram com covid ou porque o combate ao covid não deu espaço a doentes com outras patologias ou porque houve governantes neste mundo a quem a palavra “genocídio” não deve dizer nada. As feridas das consequências letais da falta de acesso a serviços de saúde ao ritmo necessário também passaram pela minha família. A solidão e o progressivo desligar da realidade dos idosos também passou (e passa irreversivelmente) pela minha família. Mas se esta pandemia mostrou a incapacidade de qualquer sistema de saúde nos países do Norte Global aguentar, de forma a cobrir todas as necessidades, não nos podemos esquecer da parte do mundo do qual mal se fala, onde aquilo que é considerado o comportamento básico para proteger a pessoa de contágios (lavar as mãos, usar máscara, manter distanciamento físico) não é possível – porque não há água potável, porque não há máscaras, porque se vive em condições de sobrelotação onde o distanciamento físico não existe.

Não podemos desistir: que pegada de humanidade queremos deixar neste mundo? É essa a pergunta.

